

O Livro de Urântia

<< [Documento 155](#) | [Partes](#) | [Índice](#) | [Documento 157](#) >>

Documento 156

A Estada em Tiro e Sidom

156:0.1 (1734.1) NA SEXTA-FEIRA, 10 de junho à tarde, Jesus e os seus colaboradores chegaram aos arredores de Sidom, e lá se hospedaram em casa de uma próspera senhora, que havia sido paciente do hospital de Betsaida durante a época em que Jesus estava no auge da predileção popular. Os evangelistas e os apóstolos ficaram alojados com os amigos dela, na vizinhança próxima, e descansaram durante o sábado nesse ambiente repousante. Passaram quase duas semanas e meia em Sidom e nas redondezas, antes de prepararem-se para visitar as cidades da costa, ao norte.

156:0.2 (1734.2) Esse sábado, em junho, foi um dia de muita calma. Os evangelistas e os apóstolos todos ficaram absorvidos, nas suas meditações sobre os discursos do Mestre a respeito da religião, que eles haviam escutado a caminho de Sidom. Todos eles haviam sido capazes de apreciar um pouco daquilo que lhes havia sido dito, mas nenhum deles captara totalmente a importância desse ensinamento.

1. A Mulher Síria

156:1.1 (1734.3) Perto da casa de Karuska, onde o Mestre estava hospedado, vivia uma mulher síria que muito havia ouvido falar de Jesus, das suas grandes curas e ensinamentos e, nesse sábado à tarde, ela veio até ele trazendo a sua filha pequena. A criança, de cerca de doze anos de idade, estava afligida por uma desordem nervosa grave, caracterizada por convulsões e outras manifestações extenuantes.

156:1.2 (1734.4) Jesus havia recomendado aos seus seguidores para que não dissessem a ninguém sobre a sua presença na casa de Karuska, explicando que desejava descansar. Eles obedeceram às instruções do Mestre, mas o serviçal de Karuska foi até a casa dessa mulher síria, Norana, e informou-lhe que Jesus estava hospedado na casa da sua patroa e estimulou essa mãe ansiosa a trazer a sua filha afligida para a cura. A mãe, evidentemente, acreditava que a sua filha estava possuída por um demônio, um espírito impuro.

156:1.3 (1734.5) Quando Norana chegou com a sua filha, os gêmeos Alfeus explicaram-lhe, por meio de um intérprete, que o Mestre estava descansando e que não devia ser incomodado; e a isso Norana replicou que ela e a sua filha permaneceriam ali até que o Mestre terminasse o seu descanso. Pedro também tentou argumentar com ela e persuadi-la a voltar para a sua casa. Explicou que Jesus estava cansado de tantos ensinamentos e curas, e que ele tinha vindo à Fenícia para um período de calma e de descanso. Mas foi inútil;

Norana não iria embora. À solicitação de Pedro ela apenas respondeu: “Eu não irei embora, não antes de ver o teu Mestre. Eu sei que ele pode expulsar o demônio da minha filha, e eu não irei antes desse curador cuidar da minha filha”.

156:1.4 (1734.6) Então Tomé procurou mandar a mulher embora, mas não obteve êxito. A ele, ela redargüiu: “Eu tenho fé na capacidade que possui o vosso Mestre de poder expulsar esse demônio que atormenta a minha filha. Ouvi falar do poder dos seus trabalhos na Galiléia, e acredito nele. O que aconteceu a vós, discípulos dele, que mandais embora àqueles que vêm procurar a ajuda do vosso Mestre?” E, quando Tomé ouviu-a dizer isso, ele retirou-se.

156:1.5 (1735.1) E então Simão zelote adiantou-se para argumentar com Norana. Disse Simão: “Mulher, tu és uma gentia de fala grega. Não seria justo que esperasses que o Mestre tomasse do pão destinado aos filhos da casa favorecida, e que o atirasse aos cães”. Norana, contudo, se negou a sentir-se ofendida com a arremetida de Simão. Ela apenas disse: “Sim, professor, eu compreendi as tuas palavras. Eu sou apenas um cão, aos olhos dos judeus, mas, no que diz respeito ao teu Mestre, eu sou um cão que crê. Estou determinada a esperar que ele veja a minha filha, pois estou convencida de que, se apenas olhar para ela, ele irá curá-la. E nem mesmo tu, meu bom homem, ousarias privar os cães do privilégio de obter as migalhas que por acaso caem da mesa das crianças”.

156:1.6 (1735.2) E exatamente nesse momento a pequenina foi tomada de uma convulsão violenta, diante de todos, e a mãe gritou: “Aí está, podeis ver que a minha criança está possuída por um espírito

impuro. A nossa necessidade não vos impressiona, mas certamente impressionará ao vosso Mestre, pois fui informada que ele ama a todos os homens e que ousa curar até mesmo aos gentios, quando eles crêem. Não sois dignos de ser discípulos dele. Eu só irei quando a minha filha estiver curada”.

156:1.7 (1735.3) Jesus, que havia ouvido toda essa conversa por meio de uma janela aberta, agora saía, para a surpresa de todos, e dizia: “Ó mulher, grande é a tua fé, tão grande que não consigo impedir o que desejas; toma o teu caminho em paz. A tua filha já está curada”. E a menina ficou boa a partir daquele momento. Quando Norana e a criança estavam saindo, Jesus solicitou a todos que nada dissessem a ninguém, sobre esse acontecimento; e, conquanto os seus seguidores viessem a atender esse pedido, a mãe e a criança não cessariam de proclamar o fato da cura da menina por toda a região e até mesmo em Sidom, tanto assim que Jesus julgou aconselhável mudar de alojamento, dentro de poucos dias.

156:1.8 (1735.4) No dia seguinte, ao ensinar aos seus apóstolos, comentando sobre a cura da filha da mulher síria, Jesus disse: “E tem sido assim, por todo o caminho; podeis ver por vós mesmos como os gentios podem exercer a fé salvadora nos ensinamentos do evangelho do Reino do céu. Em verdade, em verdade, eu vos digo que o Reino do Pai será tomado pelos gentios, se os filhos de Abraão não estiverem dispostos a demonstrar fé suficiente para entrarem nele”.

2. Ensinando em Sídô

156:2.1 (1735.5) Ao entrar em Sidom, Jesus e os seus colaboradores passaram por uma ponte, a primeira que muitos deles viam. Quando passavam sobre essa ponte, Jesus, entre outras coisas, disse: “Este mundo é apenas uma ponte; passai por ele, mas não deveis pensar em construir nele um local de residência”.

156:2.2 (1735.6) Quando os vinte e quatro começaram os seus trabalhos, em Sidom, Jesus foi instalar-se numa casa ao norte da cidade, a casa de Justa e da sua mãe, Berenice. A cada manhã Jesus dava ensinamentos aos vinte e quatro, na casa de Justa, e eles espalhavam-se por toda a Sidom para ensinar e pregar durante as tardes e noites.

156:2.3 (1735.7) Os apóstolos e os evangelistas ficaram bastante animados pelo modo como os gentios de Sidom recebiam a mensagem deles; e, durante a sua curta estada ali, muitos foram acrescidos ao Reino. Esse período de cerca de seis semanas na Fenícia foi um tempo muito frutífero para o trabalho de conquistar almas. No entanto os escritores judeus, que mais tarde redigiram os evangelhos, habituaram-se a passar por cima e desconsiderar o registro dessa calorosa recepção aos ensinamentos de Jesus da parte desses gentios, no exato momento em que uma grande parcela dos do seu próprio povo encontrava-se mobilizada contra ele.

156:2.4 (1736.1) De muitos modos esses crentes gentios apreciaram os ensinamentos de Jesus mais integralmente do que os judeus. Muitos desses siro-fenícios de fala grega vieram saber não apenas que Jesus era como Deus, mas também que Deus era como Jesus. Esses chamados pagãos alcançaram um bom entendimento dos ensinamentos do Mestre, sobre a uniformidade das leis deste mundo e de todo o universo. Eles captaram o ensinamento de que Deus não tem preferência por pessoas, raças, nações; que não há favoritismo com o Pai Universal; que o universo obedece às leis, para sempre e integralmente, e que é também confiável. Esses gentios não tinham temor de Jesus; eles ousaram aceitar a sua mensagem. Em todas as idades, os homens não têm sido incapazes de compreender Jesus; eles têm tido medo de fazê-lo.

156:2.5 (1736.2) Jesus deixou claro para os vinte e quatro que ele não havia fugido da Galiléia porque lhe faltara coragem para enfrentar os seus inimigos. E eles compreenderam que não estava pronto para um choque aberto com a religião estabelecida, que ele não buscava tornar-se um mártir. Durante uma dessas conferências na casa de Justa, o Mestre, pela primeira vez, disse aos seus discípulos: “Ainda que passem o céu e a Terra, as minhas palavras sobre a verdade não passarão”.

156:2.6 (1736.3) O tema das instruções de Jesus durante a estada em Sidom foi a progressão espiritual. Ele disse-lhes que não podiam permanecer estagnados; que deviam ir em frente, na retidão, ou retrocederiam até o mal e o pecado. Ele advertiu-os a “esquecer

aquelas coisas que estão no passado, enquanto vos adiantais para abraçar as realidades maiores do Reino”. Ele rogava-lhes que não se contentassem com a sua infância no evangelho, mas que lutassem para a realização da maturidade plena da filiação divina, na comunhão do espírito e na fraternidade dos crentes.

156:2.7 (1736.4) Disse Jesus: “Os meus discípulos não devem apenas cessar de fazer o mal, mas devem aprender a fazer o bem; vós não deveis apenas ser purificados de todos os pecados conscientes, mas deveis recusar-vos a dar abrigo até mesmo aos sentimentos de culpa. Se confessardes os vossos pecados, eles estarão perdoados; e, assim, deveis ter a consciência vazia de ofensas”.

156:2.8 (1736.5) Jesus tinha um grande prazer com o apurado senso de humor que os gentios demonstravam. O senso de humor apresentado por Norana, a mulher síria, bem como a sua grande e persistente fé tanto tocaram o coração do Mestre e como funcionaram como um grande apelo à sua misericórdia. Jesus lamentava grandemente que o seu povo — o judeu — fosse tão desprovido de humor. Certa vez disse a Tomé: “O meu povo se leva por demais a sério; eles são inteiramente desprovidos de qualquer apreciação do senso de humor. A religião pesadona dos fariseus nunca poderia ter tido origem junto a um povo com algum senso de humor. A eles também falta coerência; ficam atentos aos mosquitos, mas engolem camelos”.

3. A Jornada Costa Acima

156:3.1 (1736.6) Na terça-feira, 28 de junho, o Mestre e os seus companheiros deixaram Sidom, indo para a costa, até Porfírio e Heldua. Tendo sido bem recebidos pelos gentios, muitos foram acrescentados ao Reino, durante essa semana de ensinamento e pregação. Os apóstolos pregaram em Porfírio e os evangelistas ensinaram em Heldua. Enquanto os vinte e quatro estavam empenhados assim no seu trabalho, Jesus deixou-os por um período de três ou quatro dias, fazendo uma visita à cidade costeira de Beirute, onde ele esteve conversando com um sírio, de nome Malaque, que era um crente e que tinha estado em Betsaida no ano anterior.

156:3.2 (1737.1) Na quarta-feira, 6 de julho, todos retornaram a Sidom e ficaram na casa de Justa, até o domingo pela manhã, quando partiram para Tiro ao sul, ao longo da costa, passando por Sarepta, chegando a Tiro na segunda-feira, 11 de julho. A essa altura, os apóstolos e os evangelistas estavam acostumando-se a trabalhar entre esses chamados gentios que, na realidade, descendiam principalmente das primeiras tribos dos cananeus, de uma origem semítica ainda mais primitiva. Todos esses povos falavam a língua grega. Foi uma grande surpresa para os apóstolos e os evangelistas observar a avidez desses gentios ao ouvir o evangelho, e perceber a prontidão com a qual muitos deles acreditavam.

4. Em Tiro

156:4.1 (1737.2) De 11 a 24 de julho, eles ensinaram em Tiro. Cada um dos apóstolos fez-se acompanhar de um evangelista e, assim, dois a dois, ensinaram e pregaram em todas as partes de Tiro e nos arredores. A população poliglota desse movimentado porto de mar ouviu-os com contentamento, e muitos foram batizados na fraternidade exterior do Reino. Jesus manteve o seu centro de apoio na casa de um judeu chamado José, um crente que vivia a uns cinco ou seis quilômetros ao sul de Tiro, não muito longe da tumba de Hiram, o qual havia sido o rei da cidade-estado de Tiro, durante os tempos de Davi e Salomão.

156:4.2 (1737.3) Diariamente, nesse período de duas semanas, os apóstolos e os evangelistas entravam em Tiro, pelo dique de Alexandre, para conduzir pequenas reuniões; e todas as noites a maioria deles voltava para o acampamento na casa de José, ao sul da cidade. Todos os dias vinham crentes da cidade para conversar com Jesus, no seu local de descanso. O Mestre falou em Tiro apenas uma vez; foi na tarde de 20 de julho, quando ensinou aos crentes a respeito do amor do Pai por toda a humanidade e sobre a missão do Filho de revelar o Pai a todas as raças de homens. Houve um tal interesse pelo evangelho do Reino, entre esses gentios nessa ocasião, que as portas do templo de Melquart foram abertas para ele; e é interessante lembrar que em anos posteriores uma igreja cristã foi edificada no mesmo local desse antigo templo.

156:4.3 (1737.4) Muitos dos líderes na manufatura da púrpura tireana, a tinta que emprestou a Tiro e a Sidom uma fama em todo o mundo, e que contribuiu tanto para que o seu comércio fosse mundial e para o

seu conseqüente enriquecimento, acreditaram no Reino. Quando, pouco depois disso, o suprimento dos animais marinhos, que eram a fonte dessa tinta, começou a diminuir, esses fabricantes de tinta foram em busca do novo habitat desses moluscos. E, assim, migrando para os confins da Terra, levaram consigo a mensagem da paternidade de Deus e da irmandade dos homens — a boa-nova do evangelho do Reino.

5. O Ensino de Jesus em Tiro

156:5.1 (1737.5) Nessa quarta-feira à tarde, durante o seu sermão, Jesus antes contou aos seus seguidores a história do lírio branco que levanta a sua cabeça, pura como a neve, à luz do sol, enquanto as suas raízes estão enterradas no lodo e no esterco do solo escuro. Disse ele: “Conquanto o homem mortal tenha as suas raízes de origem e de ser no solo animal da natureza humana, ele pode, ainda assim, pela fé, elevar a sua natureza espiritual até a luz do sol da verdade celeste e conceber, mesmo, os frutos nobres do espírito”.

156:5.2 (1738.1) Foi durante esse mesmo sermão que Jesus fez uso da sua primeira e única parábola, que tinha a ver com o seu próprio trabalho — a carpintaria. Ao dar o seu conselho para “construir bem as fundações para o crescimento de um caráter nobre em dons espirituais”, ele disse: “Para dar os frutos do espírito, vós deveis nascer do espírito. Deveis deixar-vos ensinar pelo espírito e ser conduzidos pelo espírito, se quiserdes viver a vida plena do espírito

entre os vossos semelhantes. Mas não cometais o erro do carpinteiro tolo que passa o seu precioso tempo esquadrinhando, medindo e aplainando a madeira comida pelos cupins e apodrecida por dentro, sendo que, depois de todo o seu trabalho em um barrote podre, terá de rejeitá-lo como inadequado para fazer parte das fundações da construção que seria levantada, devendo suportar os ataques do tempo e das tempestades. Que cada homem certifique-se de que as fundações intelectuais e morais do caráter sejam tais que suportem adequadamente a superestrutura da natureza espiritual, que se amplia e que enobrece, e, assim, deve transformar a mente mortal para, então, em conjunção com essa mente recriada, realizar a evolução da alma até o destino imortal. A vossa natureza espiritual — a alma, conjuntamente criada — é um desenvolvimento vivo, mas a mente e a moral do indivíduo são o solo a partir do qual essas manifestações mais elevadas, do desenvolvimento humano e do destino divino, devem florescer. O solo da alma em evolução é humano e material, mas o destino dessa criatura combinada, de mente e de espírito, é espiritual e divino”.

156:5.3 (1738.2) Na tarde desse mesmo dia, Natanael perguntou a Jesus: “Mestre, por que oramos para que Deus não nos induza à tentação, quando nós bem sabemos, pela tua revelação do Pai, que Ele nunca faz tais coisas?” Jesus respondeu a Natanael:

156:5.4 (1738.3) “Não me parece estranho que me façais tais perguntas, vendo que todos vós já começais a conhecer o Pai, como eu O conheço e não como os profetas hebreus primitivos tão vagamente O viam. Bem sabeis que vossos antepassados estavam dispostos a ver

Deus em quase tudo o que acontecia. Eles procuravam o toque da mão de Deus em todos acontecimentos naturais e em cada episódio inusitado da experiência humana. Eles associavam Deus tanto ao bem quanto ao mal. Eles julgavam que Ele abrandava o coração de Moisés e endurecia o coração do Faraó. Quando o homem estava com um impulso forte de fazer alguma coisa, boa ou má, tinha o hábito de justificar essas emoções inusitadas dizendo: ‘O Senhor falou comigo assim: faze isso e faze aquilo, ou vai por aqui e por ali’. E, desse modo, já que os homens caem tão freqüente e violentamente em tentação, tornou-se um hábito dos nossos ancestrais, acreditar que Deus os induzia à tentação para testá-los, puni-los ou fortalecê-los. Mas, na verdade, sabeis melhor agora. Sabeis que os homens, muito freqüentemente, são levados à tentação pelos desejos do seu próprio egoísmo e os impulsos da sua natureza animal. Quando sois tentados desse modo, eu vos recomendo que, ao mesmo tempo em que reconheçais a tentação, honesta e sinceramente, exatamente pelo que ela é, que redirijais inteligentemente as energias do espírito, da mente e do corpo, que estão buscando expressão, para canais mais elevados e para metas mais idealistas. Desse modo vós podeis transformar as vossas tentações nos tipos mais elevados de ministração mortal edificante, ao mesmo tempo em que evitaís quase inteiramente esses conflitos desgastantes e enfraquecedores entre a natureza animal e a natureza espiritual.

156:5.5 (1738.4) “Quero prevenir-vos, todavia, contra a loucura que é o afã de superar a tentação por meio do esforço de suplantar um desejo, adotando um outro desejo supostamente superior, e fazendo

uso da mera força da vontade humana. Se quiserdes ser verdadeiramente triunfantes sobre as tentações da natureza inferior, deveis alcançar aquela posição de vantagem espiritual por meio da qual, real e verdadeiramente, desenvolvestes um interesse e um amor real pelas formas mais elevadas e idealistas, na conduta que a vossa mente deseja colocar no lugar daqueles hábitos inferiores e menos idealistas de comportamento e que reconheceis como sendo tentações. Desse modo, sereis libertados por meio da transformação espiritual, mais do que sobrecarregados cada vez mais com a supressão enganosa dos desejos mortais. O que é velho e inferior será esquecido no amor do novo e superior. A beleza sempre triunfa sobre a fealdade, nos corações de todos aqueles que são iluminados pelo amor da verdade. Há um forte poder de eliminação na energia de uma afeição espiritual nova e sincera. E de novo eu vos digo, não vos deixeis vencer pelo mal, mas antes triunfai junto com o bem, sobre o mal”.

156:5.6 (1739.1) Os apóstolos e os evangelistas continuaram, noite adentro, a fazer perguntas, e, das muitas respostas, gostaríamos de apresentar os pensamentos seguintes, colocados em uma linguagem moderna:

156:5.7 (1739.2) A ambição impetuosa, o julgamento inteligente e a sabedoria temperada são essenciais ao sucesso material. A liderança depende da habilidade natural, da discrição, da força de vontade e da determinação. O destino espiritual depende da fé, do amor e da devoção à verdade — a fome e sede de retidão — , do desejo de todo o coração de encontrar Deus e de ser como Ele.

156:5.8 (1739.3) Não vos desencorajeis com a descoberta de que sois humanos. A natureza humana pode ter a tendência para o mal, mas não é inerentemente pecadora. Não vos deixeis abater, caso não consigais esquecer inteiramente algumas das vossas experiências lamentáveis. Os erros que não conseguirdes esquecer no tempo serão esquecidos na eternidade. Deveis aliviar os fardos da vossa alma adquirindo rapidamente uma visão de longa distância do vosso destino, uma expansão da vossa carreira no universo.

156:5.9 (1739.4) Não cometais o erro de estimar o valor da alma pelas imperfeições da mente, nem pelos apetites do corpo. Não deveis julgar a alma, nem avaliar o seu destino pelo padrão de um único episódio humano infeliz. O vosso destino espiritual é condicionado apenas pelas vossas aspirações e propósitos espirituais.

156:5.10 (1739.5) A religião é a experiência exclusivamente espiritual da alma imortal, em evolução, do homem sabedor de Deus; e o poder moral e a energia espiritual são forças poderosas, que podem ser utilizadas para lidar com as situações sociais difíceis e resolver problemas econômicos intrincados. Esses dons morais e espirituais enriquecem todos os níveis do viver humano, tornando-os mais significativos.

156:5.11 (1739.6) Vós estais destinados a viver uma vida pequena e medíocre, se apenas amardes àqueles que vos amam. O amor humano pode de fato ser recíproco, mas o amor divino expande-se em toda a sua busca de satisfação. Quanto menos amor existir na natureza de qualquer criatura, maior é a necessidade de amor, e tanto mais o amor divino busca satisfazer a essa necessidade. O amor

nunca é egoísta, e não pode ser dado a si próprio. O amor divino não pode ser autocontido; deve ser dado sem egoísmo.

156:5.12 (1739.7) Os crentes do Reino deveriam possuir uma fé implícita, deveriam acreditar, com toda a alma, no triunfo certo da retidão. Os edificadores do Reino não devem duvidar da verdade do evangelho da salvação eterna. Os crentes devem aprender cada vez mais a se colocar à parte da afobação da vida — escapando dos embaraços da existência material — , refrescando a alma, inspirando a mente e renovando o espírito por meio da comunhão na adoração.

156:5.13 (1739.8) Os indivíduos sabedores de Deus não se deixam desencorajar pelos infortúnios, nem ser abatidos pelo desapontamento. Aqueles que crêem são imunes à depressão conseqüente de perturbações puramente materiais; aqueles que levam uma vida espiritual não se deixam perturbar pelos episódios do mundo material. Os candidatos à vida eterna são praticantes de uma técnica vivificante e construtiva para enfrentar todas as vicissitudes e embaraços da vida mortal. A cada dia que um verdadeiro crente vive, ele acha mais *fácil* fazer a coisa certa.

156:5.14 (1740.1) A vida espiritual faz o auto-respeito aumentar vigorosamente. Mas o auto- respeito não é auto-admiração. O auto-respeito está sempre coordenado com o amor e o serviço ao semelhante. Não é possível respeitar a si próprio mais do que amar ao semelhante, um é a medida da capacidade para o outro.

156:5.15 (1740.2) Com o passar dos dias, todo verdadeiro crente torna-se mais hábil em convencer os seus semelhantes do amor pela verdade eterna. Vós não tendes hoje mais recursos para revelar a bondade à

humanidade do que tínheis ontem? Neste ano, não estais mais aptos para recomendar a retidão do que estivestes no ano passado? A vossa técnica para conduzir as almas famintas ao Reino espiritual não está tornando-se cada vez mais uma arte?

156:5.16 (1740.3) Os vossos ideais estão elevados o suficiente para assegurar a vossa salvação eterna e, ao mesmo tempo, as vossas idéias estão tão práticas a ponto de fazerem de vós cidadãos úteis para funcionar bem na Terra na vossa associação com os semelhantes mortais? Em espírito, a vossa cidadania está no céu; na carne, sois ainda cidadãos dos reinos da Terra. Dai a César as coisas materiais e a Deus as coisas que são espirituais.

156:5.17 (1740.4) A medida da capacidade espiritual da alma em evolução é a vossa fé na verdade e o vosso amor pelo homem, mas a medida da vossa força humana de caráter é a vossa capacidade de resistir à ação dos rancores e a vossa capacidade de suportar o acabrunhamento em face de uma profunda mágoa. A derrota é o verdadeiro espelho no qual deveis ver, honestamente, o vosso eu real.

156:5.18 (1740.5) À medida que envelhecerdes no tempo e ficardes mais experientes nos assuntos do Reino, estareis adquirindo mais tato para lidar com os mortais importunos, e mais tolerância para conviver com os condiscípulos teimosos? O tato é o ponto de apoio da alavanca social, e a tolerância é a identificação de uma grande alma. Se vós possuídes esses dons raros e encantadores, com o passar dos dias tornar-vos-eis mais alertas e experientes nos vossos valiosos esforços de evitar todos os mal-entendidos sociais desnecessários. As almas assim sábias são capazes de evitar muitas

das complicações que certamente são o quinhão de todos aqueles que sofrem da falta de ajustamento emocional, daqueles que se recusam a crescer, e daqueles que se recusam a envelhecer com galhardia.

156:5.19 (1740.6) Evitai a desonestidade e a injustiça, em todos os vossos esforços de pregar a verdade e para proclamar o evangelho. Não busqueis um reconhecimento que não vem do esforço e nenhuma compaixão ou simpatia imerecida. Amai, recebei livremente das fontes divinas e humanas, independentemente do vosso mérito, e amai livremente em retribuição. Mas em todas as outras coisas relacionadas à honra e à adulação, buscai tão somente o que honestamente vos couber.

156:5.20 (1740.7) O mortal consciente de Deus está certo da sua salvação; ele é destemido na sua vida, é honesto e coerente. Ele sabe como suportar com bravura os sofrimentos inevitáveis; não se queixa quando enfrenta os sofrimentos inescapáveis.

156:5.21 (1740.8) O verdadeiro crente não fica cansado de fazer o bem, apenas porque encontra oposições. A dificuldade aguça o fervor do amante da verdade, e os obstáculos apenas incitam mais o empenho dos construtores destemidos do Reino.

156:5.22 (1740.9) E muitas outras coisas Jesus ensinou a todos eles, antes de se prontarem para partir de Tiro.

156:5.23 (1740.10) No dia antes de deixar Tiro, e retornar para a região do mar da Galiléia, Jesus reuniu os seus companheiros e ordenou aos doze evangelistas que retornassem por um itinerário diferente daquele que ele e os doze apóstolos deviam tomar. E depois que os

evangelistas separam-se de Jesus, ali em Tiro, nunca mais voltaram a estar tão intimamente ligados a ele.

6. O Regresso da Fenícia

156:6.1 (1741.1) Por volta do meio-dia de domingo, 24 de julho, Jesus e os doze deixaram a casa de José, no sul de Tiro, indo até Ptolemais, pela costa. E permaneceram lá, por um dia, dizendo palavras confortantes ao grupo de crentes residentes naquele local. Pedro pregou a eles na noite de 25 de julho.

156:6.2 (1741.2) Na terça-feira, deixaram Ptolemais, indo para o interior a leste até perto de Jotapata, pela estrada de Tiberíades. Na quarta-feira, pararam em Jotapata e deram aos crentes novas instruções sobre as coisas do Reino. Na quinta-feira, deixaram Jotapata, indo para o norte, pela trilha de Nazaré, ao monte Líbano e até a aldeia de Zebulom, passando por Ramá. Realizaram encontros em Ramá, na sexta-feira, e ficaram lá para o sábado. Chegaram a Zebulom, no domingo, dia 31, fazendo uma reunião nessa noite e partindo na manhã seguinte.

156:6.3 (1741.3) Deixando Zebulom, viajaram para o entroncamento com a estrada Magdala-Sidom, perto de Giscala, e dali tomaram o caminho de Genesaré, na costa oeste do lago da Galiléia, ao sul de Cafarnaum, onde haviam marcado de encontrar-se com Davi Zebedeu, e onde tinham a intenção de aconselhar-se quanto ao

próximo passo a ser dado, no trabalho de pregar o evangelho do Reino.

156:6.4 (1741.4) Durante uma breve conversa com Davi eles souberam que muitos líderes estavam, então, reunidos no lado oposto do lago, perto de Queresa e, desse modo, naquela mesma tarde, um barco levou-os ao outro lado. Por um dia, descansaram tranqüilamente nas colinas, indo, no dia seguinte, para o parque perto dali, onde o Mestre certa vez havia alimentado cinco mil pessoas. Ali, descansaram por três dias e fizeram conferências diárias, as quais foram presenciadas pelos cinqüenta homens e mulheres remanescentes daquele que havia sido o numeroso grupo de crentes residentes em Cafarnaum e arredores.

156:6.5 (1741.5) Enquanto Jesus esteve ausente de Cafarnaum e da Galiléia, no período da estada na Fenícia, os seus inimigos estimaram que todo o movimento havia sido desmembrado, e, concluíram que a pressa de Jesus, de retirar-se, indicava que ele estava tão profundamente amedrontado que, provavelmente, não voltaria para incomodá-los. Toda a oposição ativa aos ensinamentos do Mestre havia diminuído. Os crentes estavam começando a ter encontros públicos novamente, e ocorria uma consolidação gradual, mas efetiva, dos sobreviventes verdadeiros, testados na grande filtragem pela qual os crentes no evangelho tinham acabado de passar.

156:6.6 (1741.6) Filipe, irmão de Herodes, havia-se tornado um crente, todavia ainda pouco convicto, de Jesus, mas mesmo assim mandou

dizer que o Mestre estava livre para viver e trabalhar nos seus domínios.

156:6.7 (1741.7) O mandado, de fechar as sinagogas do mundo judeu, aos ensinamentos de Jesus e todos os seus seguidores, havia funcionado adversamente para os escribas e fariseus. Imediatamente depois que Jesus, objeto da controvérsia, havia-se retirado, adveio uma reação em meio ao povo judeu; surgiu um ressentimento geral contra os líderes fariseus e o sinédrio em Jerusalém. Muitos dos dirigentes das sinagogas começaram sub-repticiamente a abrir as suas sinagogas para Abner e seus condiscípulos, alegando que esses instrutores eram seguidores de João e não discípulos de Jesus.

156:6.8 (1741.8) Até mesmo Herodes Antipas experimentou uma mudança de sentimentos, tanto que, ao tomar conhecimento de que Jesus permanecia no outro lado do lago, no território do seu irmão Filipe, fez saber a este que, embora houvesse assinado o mandado da prisão de Jesus na Galiléia, não havia comandado a prisão dele na Peréia, indicando assim que o Mestre não seria molestado, se permanecesse fora da Galiléia; e comunicou esse mesmo comando aos judeus, em Jerusalém.

156:6.9 (1742.1) E essa era a situação por volta do dia primeiro de agosto, do ano 29 d.C., quando o Mestre retornou da missão na Fenícia e começou a reorganização das suas forças desmembradas e exauridas, e provadas, pois, para esse memorável último ano da sua missão na Terra.

156:6.10 (1742.2) Os motivos da batalha ficam claramente definidos, enquanto o Mestre e os seus colaboradores preparam-se para iniciar

a proclamação de uma nova religião, a religião do espírito do Deus vivo que reside nas mentes dos homens.